

# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 617	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte. m. forte)	3800	1800	5950	5120	15 DE FEVEREIRO DE 1896	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe. e dirigidos á administração da Empresa do Ocidente. sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4500	2800	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5600	2850	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

E o saragoçano a consultar os astros, e os astros a rir, a rir!

Decididamente o céo está bem comosco e isto de inverno é uma lenda.

Que lindos dias! Que luminosas manhãs! Que serenas tardes! Que noites! A lua tem todo o vasto campo azul para por elle sacudir a prata do seu luar!

Muito mentem os poetas, quando figuram o inverno um velho de barbas brancas, ossudo, carancudo, cheio de rugas!

*Oh! que asperrimo dezembro!  
Treme o frio em cada membro,  
Se cogito, se me lembro  
Do que lá por fóra vai!  
Pelos gelos da vidraça  
Olho a rua; ninguém passa,  
Mais que o vento, que esvoaça  
Sobre a neve, e neve cai!*

Verdade é que já lá vai dezembro ha muito e que, para não mentir á chronologia, devêra ter escripto *fevereiro*. Mas errava a medição do verso e a rima, e o grande Castilho, o pobre sympathico cego, tão extraordinario metrificador, não me perdoaria o sacrilegio. Mentir por mentir, minta elle descrevendo o inverno, não minta eu no que é d'elle e ás regras por elle impostas.

Fevereiro ou dezembro inverno são, e que os poetas mentem ás multidões nos seus fingidos extasis já ninguem o põe em duvida.

E vel-os a falar da primavera. E tudo roseiras em flor, borboletas voando, céos de anil, planicies esmaltadas, fontes cristallinas, rouxinões a cantar, nymphas nas devezas, satyros nos bosques, flores, risos e amores!

E o saragoçano a consultar os astros e os astros a rir!

Elles lá teem tambem o seu entrudo e elles, que lhe conhecem os caprichos, bem sabem que a primavera é a mais *coquette* das estações.

Verdade é que ella tem sorrisos encantadores, perfumes que estonteiam, canticos que nos enlevam; todos lhe conhecemos os milhares de olhos com que nos olha lá do céo e que teem mais luz que todos os da Andaluzia.

Mas vá lá uma pessoa pacata fiar-se n'ella innocentemente! Quando mal se precata, a menina caprichosa começa a fazer beicinho e d'ali a pouco desata n'um desespero de creança malcreada, com lagrimas que são chuva, espalhafatos que são vento, berros que são trovões.

Uma menina tão bonita! Que dirão os poetas? Não dizem nada, que estão tambem pelo beico.

Verdade é, que, quando a gente, maldizendo o fatal esquecimento do guarda-chuva, se lembra de mostrar o punho ás nuvens, condemnando tamanha hypocrisia, não raro lhe acontece avistar outra vez a primavera, lá em cima, a sorrir-se d'um cantinho azul, muito bonita, muito fresca, com o rostosinho já todo illuminado!

E que se lhe ha de fazer?  
Deixal-o. Prefiro o inverno.

Este, ao menos, não vem mentir á gente. O que nos dá em perfumes, côr e luz, não é divida, é fóra do contracto. Desde as velhas folhinhas do

Padre Ferreira, que dava sempre, em todas as luas novas e todas as luas cheias, chuvas e trovões, o que sempre esperamos d'elle é temporaes, manhãs sombrias, dias carrancudos, noites coericas, a barra a rugir ao longe, a chuva a açoitar-nos as vidraças, o vento a lamentar-se nos fios do telephone, trevas e lama, gritos e gemidos.

Se elle assim fosse, estava no seu direito incontestavel.

Mas não. Dá-nos um céo azul purissimo, meia

esphera de velludo em que as gemmas preciosas da noite se vão engastar como em escriptorio maravilhoso; dá-nos os chrysantemos apenas se anuncia, enche-nos os jardins de rosas quando se despede; diz ao sol que brilhe e á brisa do norte que descante mansamente.

Por isso, pela tarde, essas ruas, esses passeios se enchem de gente, que quer gosar d'este banho de luz. Vão as senhoras, com os rostosinhos friorentos mettidos em plumas, em pelles, caminhan-

## A GUERRA NA AFRICA ORIENTAL



CORONEL RODRIGUES GALHARDO, O HEROE DE COOLELLA E MANJACASE

do apressadas. O sol rebrilha e ainda as faz mais lindas, refrange-se no velludo dos corpetes, põe scintillações preciosas nas plumas dos chapéus, dá-lhes reflexos doirados aos cabellos, cõr aos rostos, animação aos olhos.

E tudo o que o inverno faz é devoção. Pobre inverno tão maltratado, santo inverno!

Bate-nos agora o estrudo á porta. Já se ouvem ao longe as gualhadas.

Vai entrar em scena o velho, o velho velho, de lunetas e facalhão, cabelleira de estopa e rabicho de restecas d'alhos. Triste personagem sob o céu tão intensamente azul! Triste alegria sob a alegria radiante do sol doirado! Cada um se enfeita a seu modo, o céu como céu, o porco como porco. E, enquanto o grande astro, cheio de calor e luz, descrever, magestoso e fecundo, a sua orbita eterna, elle, o chéché, ha de percorrer essas ruas, dizendo as velhas frases sabidas, rolando-se pelo lixo, levando pontapés nas tabernas, coxo de cançado, moído de pancadas, bebedo e divertido.

É o grande tempo para os theatros. Em todos elles peças novas. Em S. Carlos a primeira representação da opera de Alfredo Keil, *Irène*, adiada por incommodo de saúde da primeira dama, a Sr.<sup>a</sup> Bonaplata, devendo subir á scena depois do carnaval.

No Gymnasio obteve grande exito a comedia *Quem me empresta um tio?* em que Cardoso, Telmo e Jesuina desempenham os principaes papeis. Na Avenida *O Poeta em Pancas* segue a sua carreira e na Rua dos Condes *O Perfume* substituiu no cartaz *A Francillon* em que tão grande exito obteve Lucília Simões. No theatro de S. Carlos estreitou-se a Tetraxini na *Lucia de Lamermoo* e confirmou brilhantemente os seus creditos. E' um nome que n'aquella sala se estava costumado a ouvir entre applausos freneticos. O theatro de D. Maria, exgotada *A Dôr Suprema*, a extraordinaria peça de Marcellino Mesquita occupou se de algumas *reprises*, enquanto não põe em scena *O João José*, uma das melhores peças do theatro hespanhol. O D. Amelia continua a chamar publico com a sua companhia de zarzuela, de que é estrella a nossa formosa patricia, Maria Gonzales, *la Portuguesa*.

Mas o assumpto theatral da semana foi a Revista do Anno, de Eduardo Schwalback, *Retalhos de Lisboa*, no theatro da Trindade. Exito em cheio!

Gracia, novidade, bom desempenho, nada lhe falta. Fugindo no primeiro acto aos moldes velhos, por que sempre estas peças se recortavam, é cheio de espirito o quadro do *Guarda roupa da Vida*, onde os diferentes personagens se vão transformar para a lucta quotidiana, a *Pouca Vergonha* veste-se de *Virtude*, o *Ricaço de Pobretão*, o *Tolo de Homem de Genio*, o *Cobarde de Tragabalas*. E elles ahí vão combater, isto é, enganar ludibriar, intrujar.

Magnificos os tres quadros das diferentes sociedades, cheio de muitissima graça o segundo, em que Valle faz admiravelmente o papel de Barão da Trepadeira. São meia duzia de caricaturas feitas por mão de artista.

Os outros dois actos, embora apresentando menos novidade de factura, são interessantissimos e cheios de ditos alegres. Lucinda do Carmo applaudidissima na personagem de Lucinda Simões. Não se diz com mais graça. Cinira muito bem na Sarah e Gil no Focquinhas.

Finaes d'actos muito bons. Esplendido o do segundo acto, o cortejo fluvial por occasião das festas antoninas.

Schwalback obteve um verdadeiro triumpho n'um genero difficil onde muitos temiam que sobrasse. Foi querer.

Até que partiu para o Brazil, Eduardo Schwalback nunca fizera um unico verso. Quiz transformar a *Anastacia e C.* em opera comica e começou a fazer coplas. *A Anastacia* assim transformada obteve grande exito desempenhado pela companhia de Sousa Bastos e o auctor, que sabia fazer versos, tão bem pelo menos como Mr. Jourdain fazia prosa, deitou-se ás coplas dos *Retalhos*.

Francamente os versos são tão bons como os melhores nas peças d'aquelle genero e os que Lucinda do Carmo recita antes do quadro final do primeiro acto allusivos á festa do anniversario de João de Deus, são dignos de ser assignados por um poeta de nome.

E sempre os maldizentes a dizerem que houve ali uma collaboração occulta do Conselheiro Napoleão! Não houve tal. Os versos são d'elle.

E assim prevenidas e bem prevenidas para a epoca do carnaval as empresas esperam, auxiliadas pelo tempo magnifico, que os theatros se encham á cunha.

Assim o esperamos tambem. O tempo não vai para tristezas. Haja alegria na terra como no céu! Que a de cá seja um pouco mais sensabor não admira.

Todos teem direito por este tempo a fazer graça e nada mais insupportavel do que a alegria d'um semsaborão!

Mas, emfim, como todos teem direito á vida, pacientemente com os *dez reisinhos ao velho e o adeus ó Salsa!*

Brevemente teremos a quaesma para nos desforrar.

E, já que falámos do céu e da terra, das alegrias de lá e de cá, outro ponto de contacto havemos de notar. O céu em Hespanha sahio-se anarchista, e, querendo imitar o que por aqui fizeram ao Dr. Joyce, lembrou-se de estoirar um aerolitho em cima de Madrid.

Que a terra siga os exemplos do céu, está na ordem, mas o céu os da terra! Valha-nos Deus!

JOÃO DA CAMARA.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### A CUERRA NA AFRICA ORIENTAL

O COMBATE DE COOLELLA E A TOMADA DE MANJACASE — O CORONEL RODRIGUES GALHARDO — O MAJOR SOUSA MACHADO

Damos hoje aos nossos leitores mais alguns promenores sobre a campanha d'Africa, o que fazemos com muito prazer por nos virem de boa fonte e os podermos acompanhar com as gravuras do celebre combate de Coolella e tomada de Manjacase, esses dois feitos d'armas que encheram de gloria os soldados portuguezes que n'elles tomaram parte, tendo á sua frente o sr. coronel Galhardo commandante em chefe da expedição e major sr. Sousa Machado commandante do 2.<sup>o</sup> batalhão de caçadores 3, que tão heroicamente derrotou o grande exercito do Gungunhana.

As gravuras que publicamos, desenhadas pelo nosso collaborador artistico sr. Christino conforme *croquis* do sargento da expedição sr. Rufino José de Almeida Santos, são por isso da maior autenticidade.

Com respeito ao combate de Coolella, ferido no dia 7 de novembro de 1895 extrahimos das paginas de um livro prestes a sahir do prelo e editado pela Empreza do OCCIDENTE, alguns trechos que descrevem com toda a singeleza da verdade, de quem tomou parte na campanha o que foi aquella desproporcionada lucta em que se mediram forças tão desiguaes.

.....  
«Depois de tres dias de marcha bivacámos na langoa de Coolella e ali se passou o resto do dia 6 e a noite sem novidade.

Na manhã do dia 7, estavam promptos para marchar, e os nossos pretos auxiliares tinham sido mandados explorar o mato, afim de prevenir alguma embuscada.

Não nos enganámos, porque pouco depois dos pretos se terem embrenhado na floresta, voltaram precipitadamente, gritando: Gungunhana Gungunhana! exclamação que faziam sempre que avistavam gente do inimigo.

O terror d'estes pretos pelo Gungunhana era tão grande, que os acobardava completamente, e só á força, muito instigados por palavras e alguns pontapés é que se conseguia fazel-os entrar em ordem.

Effectivamente atraz d'estes nossos auxiliares vinha uma nuvem de pretos sahindo da floresta por todos os lados, e em menos de cinco minutos estava a langoa coberta de vátuas, como enchames de abelhas que viessem ali pousar.

Assim que viram o nosso quadrado principiaram acs tiros, e logo alguns dos nossos soldados cahiram atravessados pelas balas das Martinis com que vinham armados grande parte d'elles.

O chefe do estado maior o sr. capitão Costa foi dos primeiros feridos por uma bala que lhe atravessou uma perna; ao nosso major aconteceu outro tanto n'um braço, e o sr. alferes Costa e Silva tambem foi ferido n'um hombro; nenhum, porém, sahio do seu posto.

A rapidez e inesperado do ataque, respondeu im-

mediatamente a nossa columna fazendo fogo vivo sobre o inimigo, não sendo possivel no primeiro momento reprimir a precipitação dos soldados, que pela primeira vez entravam em combate.

Aquella licção ia valer por quantos exercicios e recrutas tinham feito até ali, mas, diga-se para honra dos nossos soldados, a ordem foi rapidamente restabelecida, á voz do sr. coronel Galhardo que mandou tocar a cessar fogo, ao mesmo tempo que ordenava aos commandantes das faces do quadrado para que o mandassem fazer por descargas cerradas.

Assim se fez e a artilheria, em cada angulo do quadrado, acompanhava essas descargas, devastando o campo inimigo com as lanternetas e granadas que disparava.

No acesso do combate já se não dava pelos mortos nem pelos feridos, mas as perdas do inimigo deviam ser grandes porque recuou desapparecendo no mato.

Não durou porém muito esta tregua, porque em menos de dois ou tres minutos vol-tou á carga ainda mais numeroso, pois que trazia novos reforços com que atacou o quadrado por todos os lados.

A frente e a esquerda eram as mais alvejadas pelo inimigo. não lhe impedindo a intensidade do ataque a lagoa que havia ao sul para onde olhava a esquerda do quadrado.

Os vátuas deitavam se á agua e ora de pé ora nadando faziam fogo sem cessar.

Eram uns valentes aquelles vátuas!

No entanto o nosso fogo, feito por descargas como se estivessemos em exercicio, obedecendo rigorosamente ás vozes dos officiaes, levava a morte a centenaes de pretos, que cahiam por cada descarga da nossa columna. A artilheria era uma belleza; continuava a ser o grande auxiliar, e o que mais atterrava os pretos pelos enormes estragos que fazia nas suas mangas.

O inimigo recuou mais uma vez, para a floresta mas não tardou a voltar ainda mais reforçado, pois que eram grandes, pelo que se viu, as suas reservas.

Ja decidir-se a sorte d'aquella batalha.

O enthusiasmo era cada vez maior, pelo menos nas nossas fileiras animadas pelas grandes perdas que o inimigo acabava de sofrer.

— Eia rapazes, não esmorecer.

— Acertem bem essas pontarias.

— Pontarias baixas recommendavam os sargentos.

E estas e outras vozes era o que se ouvia, no meio do combate, confundindo-se com os assobios dos vátuas que similhavam o sibilar das balas cortando o ar.

O nosso coronel, montado no seu cavallo assistia sereno a este terrivel espectáculo, dando ordens, recommendando attenção e firmeza, com o sangue frio de quem commandava um simples exercicio.

O tenente do estado maior sr. Ayres de Ornelas, trepado sobre um carro do comboio, tirava do centro do quadrado apontamentos do combate, e as balas cruzando-se no ar em todas as direcções respeitavam tanta intrepidez!

O capitão Sarsfield commandava a cavallo a face sul do quadrado que estava sendo a mais atacada.

O inimigo investindo sempre, pretendia esmagar a nossa columna avançando sobre ella em grandes massas.

Calculámos que não seriam inferiores a dez mil, mas estes rapidos calculos só serviram para excitar a nossa defeza.

O fogo continuava a fazer-se por descargas com uma precisão infalivel.

Os vátuas aproximavam-se tanto do nosso quadrado que chegavam aos arames que o cercava e que elles não viam, precipitação com que avançavam embaraçando-se e caindo uns sobre os outros, donde difficilmente se erguiam alvejados pelas nossas kropatcheks.

Alguns soldados feridos, eram logo pensados e voltavam voluntariamente a combater com nodo, enquanto os feridos mais graves se lastimavam de não os poderem seguir, de modo que se as nossas fileiras eram pouco numerosas comparadas com as forças inimigas, sobrava-lhes coragem para se baterem até á ultima operando prodigios de valor.

O combate chegára ao mais incarnizado da lucta, acceso e terrivel; as descargas succediam-se sem descanso e as nossas metralhadoras faziam voar pelo ar pernas e braços de pretos que iam cahir a grandes distancias; firmes e unidos no nosso posto só davam pelas balas aquelles a quem ellas derrubavam, porque dos ligeiros ferimentos ninguem fazia caso.

Só assim conseguimos desbaratar o inimigo que

ao terceiro ataque perdeu a esperança de nos vencer, e fugiu deixando no campo mais de quinhentos cadáveres entre elles os de alguns dos chefes.

.....  
 Este combate tão extraordinario quanto inesperado, não durou mais de quarenta minutos, e no entanto elle decidiu da tomada de Manjacase, que 4 dias depois completava a victoria das nossas armas.»

.....  
 Effectivamente se não fosse o combate de Coolella, teria sido impossivel tomar Manjacase e destruir o Kraal do Gungunhana.

Continuemos a extrahir alguns trechos.

.....  
 «Os vátuas desmoralizados pela derrota de Coolella foram refugiar-se em Manjacase, grande povoação no meio de um bosque, em que residia o Gungunhana com a sua corte»

.....  
 «Fizemos alto a uns 3 kilometros de distancia da povoação, o sufficiente para ser alcançada pela nossa artilheria, e assim nos annunciamos mandando-lhe algumas granadas incendiarias das nossas Grosos, que os vátuas já conheciam perfectamente.

A cada granada que cahia no Kraal correspondia uma explosão, incendiando e fazendo ir pelos ares as arvores do bosque que cercava a povoação.

Aos primeiros tiros da nossa artilheria vimos sahir de entre o mato vultos que á primeira vista se confundiam na distancia, e depois percebemos que um preto, montado n'um burro, andava de um lado para o outro, como que a chamar a sua gente.

Isto só se poude vêr com o auxilio dos binoculos, porque d'esta vez o inimigo não avançava e parecia querer só manter-se na defensiva.

Mas de nada lhes valeu aquella tática porque as suas espingardas não alcançavam o nosso quadrado, emquanto que as nossas granadas cahiam-lhe em casa como raios.

A valentia dos vátuas era impotente contra as nossas armas e as grandes mangas de pretos que se haviam infilreado á beira do mato para sustentar a defeza, principiaram a desaparecer, abandonando por completo a posição.»

.....  
 «Quando entrámos na povoação, depois dos nossos auxiliares terem explorado o mato, estava deserta. O Gungunhana e o seu exercito tinha fugido!»

.....  
 «A nossa columna sempre em quadrado, assistiu ao incendio Manjacase.

O nosso coronel mandou largar fogo á povoação e ao chalet, residencia real do Gungunhana, e os nossos pretos auxiliares, muito contentes, executavam com uma presteza que até ali lhe não tinhamos conhecido, as ordens do tenente Alves de caçadores d'Africa que mandava deitar fogo ás palhotas.»

.....  
 A esta pagina tão brilhante da campanha d'Africa juntamos os retratos do sr. coronel Rodrigues Galhardo o heroe de Coolella, de que já nos occupámos a pag.ª 259 do vol. XVIII, mas que não podia deixar de illustrar este numero em que se desenha e descreve o combate que lhe deu tanta gloria, e o do sr. major Souza Machado, o valeroso commandante de caçadores 3, que mal ferido logo ao principio do combate, se conservou á frente do seu batalhão encorajando-o com o exemplo, contribuindo poderosamente para a victoria alcançada.

O major, hoje tenente coronel sr. Antonio Julio de Souza Machado, nasceu em Vidago a 20 de novembro de 1849, pelo que não tem ainda 47 annas de idade, apesar de já lhe encanecerem os cabellos.

Filho de militar, o cadete de dragões de Chaves Timotheo de Souza Machado, que fez as campanhas da Guerra Peninsular, seguiu como seu pae a vida militar, assentando praça no regimento de infantaria n.º 2, em 20 de outubro de 1867.

Entrou para a Escola do Exercito n'esse anno e foi promovido a alferes em 1870, seguindo os postos até ao de tenente coronel a que foi promovido em fins do anno passado, sempre em activo serviço.

Em 1889 visitou a Hespanha, a França, a Belgica, a Holanda e a Allemanha para estudar a organização das escolas praticas de infantaria, sendo depois nomeado para instructor da escola de Mafra e segundo commandante da dita escola, commissão em que se conservou até 1892. Depois pas-

sou ao corpo de infantaria n.º 13, em Villa Real e em 1895 veio para infantaria n.º 1 onde foi convidado para commandar o 2.º batalhão de caçadores n.º 3 que seguiu para Africa na expedição militar de 22 de abril d'aquelle anno.

O modo como se desempenhou d'esta difficil e perigosa commissão é hoje do dominio geral.

Os soldados portuguezes que tão esforçadamente defenderam a bandeira portugueza na campanha d'Africa, são hoje uns benemeritos da patria e os nomes de Rodrigues Galhardo, Souza Machado, Mousinho de Albuquerque, Caldas Xavier, Couceiro, Ayres de Ornellas, Miranha, Couto e tantos outros, inscrevem-se na lista dos que mais tem honrado esta nação de heroes.

## MARIA GONZALEZ

### La Portuguesita!

Nasceu em Elvas, poderia ser, deveria ser uma das estrellas do nosso theatro. Mas quê! Lá de Hespanha, do outro lado do rio, começaram a chamar-a, a atrahil-a, e, quando ia para a beira do Caia, tudo era ouvir as castanholas, as pandeiretas, as malagueñas, as violas a gemerem!...

Um bello dia, atravessou o Caia, atravessou o Guadiana, e — *Mira! salero!* Não quero ser *Gonzalves*.

E' que a propria natureza a tinha fadado para *Gonzalez*. Toda a desenvoltura d'uma hespanhola está n'aquelles meneios, todo o sol da Hespanha n'aquelles olhos, toda a graça da Andaluzia n'aquelles labios!

*La Portuguesita* é uma das melhores cantoras de zarzuela que teem vindo a Portugal. A noite da sua estreia no theatro D. Amelia foi de festa para ella e para a empreza.

De volta de Buenos Ayres, quiz novamente visitar os seus patricios, mimoseal-os com novas canções, malagueñas arrastadas, holeros alegres, seguidilhas graciosas, tangos dolentes.

*E viva la gracia! E bendita sea tu madre y el vientre que te criou,* defronte do forte da Graça!

O theatro D. Amelia é seguramente a mais bella casa de espectaculo em Lisboa e é ali que, á excepções de Sarah Bernhard que deu as suas representações em S. Carlos, temos admirado os mais bellos talentos, que do estrangeiro teem ultimamente vindo em visita a Portugal. Maria Gonzalez é um talento formosissimo tambem. Tem muita graça e desenvoltura representando e conhece bem todos os segredos da sua dupla arte de actriz e de cantora. Não admira por isso que toda a população de Lisboa tenha corrido ao theatro a admirar-a, a festejar-a e applaudir-a.

## O DIARIO DAS CORTES

(Concluido de paginas 20)

Falámos do *Diario da Camara dos Senhores Deputados*. Resta-nos dizer o que podémos saber com relação ao boletim das sessões da camara alta.

Desde 16 de agosto até á constituição de 1838 as sessões da camara dos dignos pares do reino eram apenas publicadas em pequenos extractos com o titulo: «Actas das sessões publicas dos Dignos Pares do Reino». Sahiam á luz da publicadão sob a immediata direcção do 1.º tacygrapho da camara José Servulo da Costa e Silva.

No começo da sessão ordinaria de 1836 determinou a camara que as suas sessões logo, que estivessem redigidas, fossem enviadas á Imprensa Nacional para serem inseridas no *Diario do Governo* no dia immediato áquelle em que ali se recebessem.

Parece todavia que a publicação dos discursos, apesar d'esta determinação, se foi demorando demasiadamente, porque o presidente da mesa notando essa irregularidade, a estranhou ao 1.º tacygrapho exigindo-lhe para que lhe relatasse os motivos d'essa falta, que já estava sendo censurada por alguns membros da camara.

José Servulo da Costa e Silva quiz alijar de si responsabilidades que não lhe cabiam e n'esse sentido dirigiu na sessão de 3 de junho uma apresentação á camara, na qual se justificou.

As notas tacygraphicas, devidamente revistas, eram remetidas a tempo para a imprensa, provindo portanto a demora da sua publicação do director d'aquelle estabelecimento do estado. Não convinha á Imprensa Nacional avolumar o diario com os discursos porque augmentando de preço os exemplares estes não se vendiam e os assignantes desertavam. Isto alem do grande pessoal que

era forçoso empregar para ter a publicação em dia, pessoal que a imprensa não tinha pois que arcaava com grandes difficuldades para custear as suas despesas.

A camara tomando na devida consideração as razões expostas pelo seu 1.º tacygrapho resolveu:

1.º auctorisar a despeza necessaria para a publicação do seu diario.

2.º que se fizesse essa publicação em folhas separadas do *Diario do Governo* devendo serem impressos tantos exemplares quantos da referida folha official (*D. do Gov. n.º 152 de 29 de jun. de 1836*)

Esta nova disposição não se effectuou porém, porque sobrevindo a revolução de 9 de setembro de 1836, a camara dos Pares do Reino foi abolida e posta em vigor a constituição de 23 de setembro de 1822.

Pela constituição de 1838 ficaram, pelo artigo 36.º, as côrtes constituidas de duas camaras a *Camara dos Senadores* e a *Camara dos Deputados*. Como se sabe a dos Senadores era, por essa nova constituição, tambem electiva e temporaria como a camara popular.

Reunindo a camara dos Senadores pela primeira vez em 10 de dezembro de 1838 appareceu o diario das suas sessões com o titulo: *Diario da Camara dos Senadores* que se prolongou até 17 de novembro de 1841, dia em que se effectuou a sessão real de encerramento.

Em 27 de janeiro de 1842 deu-se o acto subito e inesperado da restauração da Carta pela contra revolução effectuada no Porto por Costa Cabral. Era então ministro do reino o grande liberal Joaquim Antonio d'Aguiar.

Restaurando-se a Carta Constitucional renasceu a camara dos dignos pares do reino em harmonia com essa mesma constituição. O diario d'essa camara tomou então o titulo:

*Diario da Camara dos Dignos Pares do Reino de Portugal*.

E' esta a 3.ª série d'esse diario, começada com a sessão de 10 de julho do dito anno e finda, salvo erro, em 1845.

Durante o decorrer d'esta serie foi encarregado da redacção do diario o official José Joaquim Ribeiro da Silva auxiliado pelo amanuense Francisco Vandelli.

Na sessão de 17 de março de 1845 o digno par do reino, conde de Lavradio, apresentou uma proposta para que as sessões, que eram publicadas em separado, passassem a vir insertas nas columnas da folha official.

Eis essa proposta:

Artigo 1.º O *Diario da Camara dos Pares*, do modo porque actualmente é publicado, continuará somente até ao fim da presente sessão da actual legislatura.

Art. 2.º A começar da sessão ordinaria de 1846, as sessões d'esta camara serão impressas no *Diario do Governo*; e comprehenderão, alem dos documentos que se insiriam no *Diario da Camara*, todas as discussões que n'ella tiverem logar, ou sejam como corpo collegialativo, ou funcionando como Tribunal de Justiça. Poderão contudo ser omittidas as discussões simplesmente de ordem, e aquellas que só disseram respeito ao regimen interno da camara.

Art. 3.º Os discursos serão publicados na sua integra, ou por extracto, segundo a importancia das questões e o tempo que houver para a sua promptificação. No primeiro caso poderão os oradores rever os discursos que proferirem, o que farão no espaço mais curto possivel, e de modo que a sessão respectiva seja sempre publicada, o mais taidar, tres dias depois de celebrada.

Art. 4.º Para levar a effeito o disposto nos art. 2.º e 3.º a Mesa contractará com a empreza do *Diario do Governo*, se assim o julgar necessario ou conveniente.

Art. 5.º As actas da camara dos Pares serão impressas e distribuidas ás mesmas corporações e a pessoas a quem era distribuido o *Diario da Camara*. A estas actas serão adicionados, por appenso, todos os relatorios, projectos de lei, pareceres das commissões e quaesquer outros documentos que não entrarem no corpo das actas.

Art. 6.º A repartição tacygraphica será encarregada tanto da publicação do *Diario da Camara* até ao fim da presente legislatura como das actas e dos extractos das sessões que para o futuro houverem de ser publicados no *Diario do Governo*.

«Sala da Camara dos Pares, 17 de março de 1845.— Conde de Lavradio.

Esta proposta foi desde logo approvada pela camara e mandada pôr em execução, subsistindo até ao fim de 1868.

Em 20 d'abril de 1849 foi nomeado redactor do

# A GUERRA NA AFRICA ORIENTAL



O COMBATE DE COOLELLA

(Desenho do sr. J. R. Christino conforme croquis do sargento da expedição sr. Rufino J. d'Almeida Santos)

*Diario da Camara* José Maria de Sousa Monteiro.

Queixando-se este de excesso de trabalho e de falta de forças para seguir com a possível regularidade e presteza na revisão das notas tachygraphicas e na boa ordem e disposição dos discursos, foi por decreto de 14 de janeiro de 1850, nomeado 2.º redactor Rodrigo d'Azevedo da Camara, e, mais tarde, pelo fallecimento d'este ultimo foi nomeado Francisco Duarte d'Almeida e Araujo, por decreto de 4 d'abril de 1857, sendo sete annos depois elevado Sousa Monteiro ao cargo de redactor chefe por decreto de 1 de julho de 1864.

Ambos estes homens eram d'uma finura e habilidade extraordinarias e o *Diario da Camara* no seu tempo attingiu grande perfeição. Almeida e Araujo, escriptor de primeira ordem, tinha o grande defeito de entregar-se ás bebidas alcoolicas. Não poucas vezes a-ontecia nas suas libações extraviar as notas tachygraphicas onde vinham os discursos, mas, como ainda assim não perdia a tramontana, como homem de expediente fechava-se no seu gabinete de redacção, recorria á sua prodigiosa memoria e escrevia de cór as discussões, ficando estes, valha a verdade, ás vezes muito melhores, quanto á linguagem, do que os proferidos por alguns dos oradores.

Foi no tempo em que eram



O MAJOR SOUSA MACHADO — COMMANDANTE DO 2.º BATALHÃO DE CAÇADORES N.º 3

redactores Sousa Monteiro e Almeida Araujo que o *diario da camara alta* reviveu.

Em 4 de janeiro de 1869 se iniciou a quarta série d'essa publicação. O *diario* trouxe o titulo que ainda hoje conserva: — *Diario da Camara dos Dignos Pares do Reino*.

No *diario* de 1870 apparecem uns curiosos mapps estatisticos do movimento da camara durante essa legislatura, que foram organizados por Almeida e Araujo, e que depois serviram de norma a subsequentes trabalhos estatisticos da mesma especialidade.

Em 1878 foi exonerado Sousa Monteiro. Almeida e Araujo ficou só dirigindo as publicações até 21 de junho de 1879 em que falleceu.

Para o seu lugar foi então nomeado, por decreto de 27, Antonio Candido Gonçalves Crespo, o incomparavel poeta e prosador que tão pouco gosou da sua nomeação, pois que veio a fallecer em 11 de junho de 1883. Já a esse tempo fazia as suas vezes João Antonio Barreto Borges.

A redacção do *Diario* estava a pedir reforma, e foi o que se fez. Na reorganisação do corpo redactor, de 19 de março de 1883, que foi posta em execução pela Mesa, entraram como redactores Fernando Affonso Galdes Caldeira, Alberto Pimentel e Leça da Veiga, sendo um anno depois



ATAQUE DE MANIACASE, INCENDIO DO KRAAL

(Desenho do sr. J. R. Christino, conforme croquis do sargento da expedição sr. Rufino I. de Almeida Santos)

— em 10 de fevereiro de 1884 — nomeado chefe o primeiro d'estes tres cavalheiros.

Fernando Caldeira, rapaz de formosissimo talento e nobilissimas qualidades, veiu a fallecer em 2 de abril de 1894. A litteratura nacional pranteou a perda permatura d'este seu filho dilecto e o theatro portuguez vestiu-se dos negros crepes da dôr e da saudade.

Hoje são redactores do *Diario da Camara dos Dignos Pares* os Ex.<sup>mos</sup> Srs.:

Alberto Augusto d'Almeida Pimentel, um dos escriptores mais fecundos e de mais pujante talento da actualidade. Nomeado redactor chefe por decreto de 24 de dezembro de 1894,

Ulpio Napoleão Henriques Leça da Veiga em 19 de março de 1893.

Manuel Joaquim Carrilho Garcia, nomeado em 5 d'abril de 1884 e fallecido em 13 d'abril de 1891.

Felix Bernardino da Costa Alves Pereira, em 18 de janeiro de 1890.

João Baptista Pinto Saraiva, illustre poeta e prosador, nomeado em 23 de dezembro de 1892, pela vaga deixada pelo fallecimento de Carrilho Garcia.

Arthur Urbano Monteiro de Castro Telles d'Eça e Cunha, na vaga deixada por Fernando Caldeira e por decreto de 24 de dezembro de 1894.

E aqui terminamos, reterando ainda mais uma vez os nossos mais affectuosos agradecimentos aos muito illustres e esclarecidos empregados das côrtes os ex.<sup>mos</sup> srs. Jayme Ernesto Alegre e Henrique Folque Possolo, que de muito bom grado se dignaram esclarecer-nos n'algumas duvidas que tinhamos com referencia á redacção dos dois diarios das camaras, satisfazendo-nos perfeitamente essas valiosas informações, sem as quaes este nosso modesto trabalho ficaria de certo muito incompleto.

Silva Pereira.

## Ao Brioso Exercito portuguez e nomeadamente aos bravos expedicionarios á nossa Costa d'Africa oriental.

Recitada pelo auctor no espectáculo de gala no theatro de S. João no Porto, na presença dos expedicionarios

Sempre firme união, vida e vontade  
Patriotismo e amor á gloria ingente,  
As artes, á sciencia e á liberdade,  
Os attributos são da lusa gente;

Em nossos corações gravado fique  
Que a Patria não morreu, nem dorme, vê-la!  
Quando saudei o Infante D. Henrique,  
Só brios lhe pedi, valor tem ella.  
«Dai-lhe brios bastantes  
E o gigante será qual fôra d'antes.»

E parece que o Infante  
Ouvira lá os meus rogos!  
Para essa Africa distante,  
Que fôra sempre e é sua,  
Dos vatuaus ardendo em fogos  
A's ordens do Gungunhana,  
Manda a tropa lusitana,  
Que os vença, esmague e destrua!

Marchae, valentes amigos,  
Não afrouxe a nossa historia,  
Marchae contra os inimigos,  
Marchae e correi á gloria!  
Lembrae os tempos antigos  
E tereis certa a victoria.

E são os nossos soldados,  
Por sobre o mar revoltoso,  
A's negras praias chegados,  
Eis o barbaro affrontoso!  
E' vencido e prisioneiro,  
E a bandeira portugueza,  
Que conhece o mundo inteiro,  
Fluctua com afouteza.

Essa côr, que do ceo veste,  
Tinge d'Africa a negrura.  
E o branco e o azul celeste  
Lhes adoça mais a agrura,  
Que sentem na Africa ardente!  
Oh Patria! Patria d'outr'ora! ?  
E's a mesma ainda agora,  
Pois que tens a mesma gente!

Quem teve um segundo Castro?  
Um Albuquerque segundo? !  
Quem tantos heroes ousados  
Espalhou por todo o mundo,  
E que ainda hoje não sente  
A falta d'uma tal gente? !

Se o Vátua, novo Golias,  
Manda novos Filisteus,  
Tem em frente o nosso exercito,  
Esse exercito de Deus,  
Que esses barbaros guerreiros,  
Dissolve e faz prisioneiros.

È-me impossivel saudar a todos,  
Cada um no posto seu, sempre um valente;  
A Patria minha tem, por varios modos,  
Mostrado sempre heroes na sua gente.

Cae Ormuz ao bater da rija espada  
Do famoso Albuquerque, heroè guerreiro!  
Sôa a corneta, é Badajoz tomada!  
E foi dos heroes um corneteiro!  
Foi do seis de caçadores,  
Foi brioso portuguez,  
E tambem, oh! vencedores,  
Foi de caçadores trez

As praias asiaticas sentiram  
O duro peso á espada portugueza;  
E as praias africanas hoje ouviram  
Das balas o zunir, força e certeza.

Os sempre bravos artilheiros nossos  
Despedem raios, com firmeza tanta,  
Que a grita entre os rebeldes se levanta  
No meio do pavor e dos destroços!

Centos de feras com figura humana,  
Tentam aos nossos impedir o passo:  
Mas, de Galharado a força soberana,  
A' voz do seu commando e forte braço,  
Fogem as feras, ruge o leopardo,  
No matto occulto ao coronel Galharado!

Se o grande Scipião, sendo romano,  
De Africano recebe o nome honroso,  
Tambem hoje, apesar de lusitano,  
A Mousinho durei, nome assombroso  
Entre as cultas nações, — o d'Africano! —

Augusto Luso.

## RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

1813 — SETE SEMANAS DE CAPTIVEIRO EM S. SEBASTIAN

A seguinte narrativa dá conta de alguns factos passados ao abrigo das muralhas de S. Sebastian, durante o praso recorrido desde o primeiro assalto que, em julho de 1813, tentamos, — aliás sem resultado, — até á rendição da fortaleza, feitos que ultimámos em setembro do mesmo anno. Foi extrahida, pouco tempo depois da entrega da praça, das notas que, dia a dia, viera inserindo no meu diario; e ousou affirmar que, nem ao descrever as inumeras scenas que presenciei, nem quando transcrevo os colloquios e dialogos interessantes em que tomei parte, ou os muitos casos extraordinarios dos quaes pude alcançar noticias e cuidadosamente assentei nas laudas do meu caderno, me permitti, com segunda tenção, attenuar ou acrescentar fosse o que fosse.

È certo que me não cingi rigorosamente á ordem chronologica dos acontecimentos, assevero, porém, que concentrei o melhor da minha attenção e do meu escrupulo em manter-me, ainda com respeito ás minimas circumstancias, no limite da mais rigorosa veracidade.

Enceto, pois, minha narração a partir do momento em que o tão eloquente como denodado chronista da Guerra Peninsular principia a iniciar os seus leitores ás peripecias do assédio; isto é, desde o investimento da brecha, na manhã do memoravel dia 25 de julho de 1813, e do ponto em que o abalizado escriptor a mim se refere, e me dá como prostrado por terra e crivado de feridas.

Momentos depois de eu ter presenciado os baldados esforços, tanto do bravo Campbell, tenente do regimento 9, como d'esse punhado de valentes que obedeciam ao seu mando, afim de abrirem caminho a través dos baluartes, vendo-se, porém, obrigados a recuar e impellidos para longe da brecha, veio despertar-me a attenção o brado angustioso de um infeliz soldado, que, ao pé de mim, jazia: — «Ai! que estes malvados nos chacinam aqui a todos!» — Volvo um olhar para o mais alto da muralha, e vejo um bando de granadeiros francezes, de sabre em punho, e que, atravessando um vivissimo fogo de metralha, galgavam por cima dos montões de mortos e feridos e, á espadeirada, iam acabando com estes ultimos, no numero dos

O corneteiro Guilherme imitando perfeitamente o toque francez, retirando em confusão os francezes, sendo a tomada de Badajoz devida n'esta parte ao corneteiro Guilherme, que ultimamente pedindo esmola foi pelo chorado D. Pedro V agraciado com a pensão de 300 réis por dia.

quaes entrou o meu malfadado companheiro. A mesma espada com que trespassaram o corpo d'aquelle infeliz, gotejando ainda o seu sangue, baixava já, prestes a administrar-me o *coup de grace*, quando, afortunadamente para mim, o braço erguido foi suspenso no ar por um rapazote de aspecto decidido, um sargento que, ao mesmo tempo, exclamou: «*O mon colonel! êtes vous blessé?*» E ordenou á sua gente que me transportassem para a cidade. Ergueram-me nos braços e carregaram commigo, como quem leva uma creança, trepando pela brecha ate aos baluartes da torre que flanqueava pelo lado direito as muralhas. Fomos ali detidos na passagem por um capitão dos granadeiros, que dirigiu algumas perguntas aos soldados, em seguida me beijou na face, e ordenou-lhes que me levassem para o hospital de sangue. No caminho tivemos de passar rente com as canhoneiras da mais elevada cortina da muralha, expostos ao mortifero e vivissimo fogo das trincheiras. Sahuu-nos ao encontro o governador com o seu estado maior, todos de grande uniforme, e que, a toda a pressa, corriam em direcção á brecha. Indagou se acaso o meu ferimento era de gravidade, e recommendou que me tratassem com cuidado.

Percorremos todo o lanço da muralha, e vinhamos já descendo para a cidade, quando, ao enfiarmos pela rua que vae desembocar ao hospital, vem direito a nós um official que, pelos bordos que dava, devia ter jantado melhor do costume. Dirige-se a mim e intima-me a que lhe entregue a espada, que eu trazia ainda á cinta. Retorquilha immediatamente que estava em seu poder tirar m'a. mas que, não sendo eu seu prisioneiro, lhe não assistia o direito de o fazer, e tanto mais, não tendo elle estado presente ao assalto da brecha.

O nosso homem, ao que parece, azoou com a replica; e, com mau modo e gesto desabrido, desafivelou-me o cinturão, e tirou-me a espada.

Dei entrada na ambulancia, onde o cirurgião me tratou assaz bem, a seu modo. Dilatou-me mais as feridas, segundo o systema francez, e assentou-me as ligaduras; depois, transportaram-me, a través de uma rua, para o grande hospital de sangue, onde, em uma das enfermarias me dêram uma cama, da qual, por meu respeito, fizeram levantar um soldado. O pobre homem ainda ali voltou aquella manhã, em procura do cachimbo e do tabaco que deixára debaixo do travesseiro.

Poucos instantes depois, deram entrada na enfermaria os tenentes Alston e Eyre, do regimento Real, gravemente feridos, ambos.

Essa manhã ainda, recebemos a visita do governador, o qual se informou da importancia dos meus ferimentos, e perguntou se acaso a soldadesca me tinha ficado com alguma coisa. Vim a saber, pela mesma occasião, que grande numero de soldados inglezes, não feridos, haviam cahido prisioneiros, e os tinham mandado para o carcere da cidade. Os officiaes já mencionados e a minha pessoa, ficamos entregues aos cuidados de um tal Mr. Joliffe, paizano, enfermeiro do hospital, e aos de sua mulher; e cumpre-me declarar que ambos nos dispensaram quantas attentões eram compatíveis com a nossa actual situação. Coitados! foram ambos victimados pelo segundo cerco, — isto é — penso eu que o fossem, pois ninguém me soube dar noticias de tão estimaveis conjuges, durante todo o tempo em que, mais tarde, estive preso no castello.

A 27, de manhã, trouxeram para a enfermaria o tenente Mac Gill do regimento 38, gravemente ferido. Cahira prisioneiro durante a sortida effectuada a noite antecedente, afim de atacar a trincheira. Soldados e officiaes capturados e que não estivessem feridos, eram metidos no carcere da cidade, conjunctamente com os prisioneiros tomados no assalto do dia 25. Visitas, não as consentiam na cadeia; apenas por excepção ali entravam alguns officiaes do estado maior, um ou outro engenheiro, duas damas hespanholas e um barbeiro da mesma nacionalidade. Consegui obter das referidas damas largas informações acerca do que se passava nas nossas linhas, ou para melhor dizer, transmittiram-me as conjécturas que os francezes a tal respeito formavam; e tenho todas as razões para suppôr que se mostravam tão communicativas commigo, na esperanza de me extorquirem esclarecimentos acerca do verdadeiro estado dos negocios no nosso campo.

Posto que, varias noites, tivessem conseguido abordar a S. Sebastian embarcações vindas de Bayona, transportando engenheiros, artilheria carregamento de bombas, remedios, e fios, (com que substituíam aqui as mèches), e que, de retorno, iam levando alguns feridos, a guarnição, comtudo, permanecia em absoluta ignorancia acerca dos movimentos dos dois exercitos, e Soult invari-

velmente lhe promettia que, dentro em breve, viria levantar o cerco á cidade,

Mantinhão á força de animo á guarnição com repetidas promessas de soccorro, e premiavam systematicamente todo e qualquer acto de valor individual, já por meio de promoções, já condecorando seus auctores com a Legião de Honra.

Era uso constante, tambem, nas fileiras do exercito francez, recompensar os actos de valor militar com transferencias para os corpos de *vol-tigeurs* e de granadeiros, e o resultado provou ser excellent. O soldado francez muito se desvanecia com as dragonas: quer estas fossem verdes, amarellas ou vermelhas, considerava-as como signal de bom comportamento militar, pois só eram admittidos nas fileiras dos ditos corpos os que tivessem dado indiscutíveis provas de valor pessoal.

Os officiaes inferiores eram tambem escolhidos nas companhias d'esses mesmos corpos, e como final recompensa, recebiam a mais elevada distincção honorifica, e a que o francez preza sobre todas — a cruz da Legião de Honra, que, aliás, lhes era distribuida com certa liberalidade.

O certo é que, graças ao bom exito das varias sortidas, e á profusa distribuição das condecorações a officiaes e soldados, predominavam arrojo e enthusiasmo taes entre as tropas sitiadas, que estou em dizer que, antes de, pela segunda vez, terem as baterias começado a bater as muralhas, a guarnição não haveria hesitado, um momento, perante qualquer esforço individual ou colectivo, por mais arriscado ou difficil que se lhe antolhasse; e que, até ao momento em que a cidade foi tomada, a ninguém, de seus muros a dentro, passou, sequer, pela idéa, render-se.

Quando me extrahiram das pernas e dos quadris o granizo proveniente da explosão das bombas e das granadas, fiquei finalmente habilitado a andar, e portanto, a passear livremente pela galeria que circumdava o pateo do hospital, que se achava instalado n'um prédio de assaz vastas dimensões, construído ao uso de Hespânia, com um pateo no centro, com sahida para a rua, grande portal, e galerias em redor, correspondentes a cada um dos andares do edificio, para as quaes abrem todas as portas e janellas dos diversos aposentos, salvo, já se vé, aquelles que deitam para o lado da rua. A galeria, ou varanda, respectiva á nossa enfermaria, era o unico lugar em que nos consentiam respirar um pouco de ar puro; e, se não fóra a grande altura do castello que domina a cidade, e nos permitia ver a torre de menagem e parte das baterias, teriamos, para recreio unico da vista, a abobada celeste e as quatro paredes da ambulancia. Um certo dia, estando eu sentado na varanda, observei que vinham collocar uma meza na varanda do andar inferior, que corria do outro lado do pateo; logo em seguida, vi que deitavam sobre a dita meza um malaventurado artilheiro francez, a quem amputaram os braços, por ter ficado sem mãos, em resultado de explosão em uma das baterias. Aquella mesma manhã, em conversa que tive com o cirurgião assistente, que operava o infeliz, confessei-me o facultativo que procedera em contrario ás instrucções que tinha, as quaes eram de nunca amputar, mas sim de curar, sempre que possivel fosse.

Tendo eu indagado o motivo de tão deshumano alvitre, respondeu-me que o imperador não queria que regressasse a França numero avultado de gente mutilada, para não fazer má impressão no povo. Retorqui-lhe — «Admiro como se atreve a resistir a ordens tão peremptorias. — Respondeu-me dizendo: — As coisas agora vão estando mudadas... e além d'isso, as circumstancias actuaes tornam indispensavel o inculcar no animo do soldado a convicção de que será convenientemente tratado, no caso de ficar ferido, e de que o não deixaremos morrer para ahí, como um cão. Embarcamos quantos podemos, de noite, para Bayona — e assim conseguimos desobstruir os hospitaes, e a um tempo aliviar-nos de excessos de trabalho.

Conversando com alguns officiaes, ouvi lhe contar actos perpetrados em Hespanha pelos seus soldados, e por tal forma revoltantes e contrarios á humana condição, que nem sequer me atrevi a confial-os ao papel: — horrorisar-se-hia, de certo, o leitor, e a minha veracidade seria posta em duvida; eu proprio os não teria jamais acreditado, se os não tivesse ouvido da bocca de testemunhas presencias.

(Continúa.)

Spectator.

## A RAINHA DE ESCOSSIA

SCENAS DA VIDA ARTISTICA, POR S. ADELUNG

(Continuado do numero antecedente)

Em breve espaço de tempo, começaram a chover, em cima da minha innocente cabeça, convites sobre convites, e não tinha mãos a medir. Como devem suppor, preferia invariavelmente aquelles em que encontrava ensejo de contemplar embevecido o meu idolo — a minha rainha de Escossia.

—Então, que tal vae o negocio? perguntou-me um dia Wolkow. Escusado será dizer que, n'aquella época, raras vezes nos viamos.

—Não anda, nem desanda! Amanhã tenho uma ceia em casa do banqueiro Richter, depois, na quinta feira, a soirée do nosso director Friedberg, e no sabbado, um jantar em casa de...

—E dizes tu, meu pateta, que o negocio não anda?... Co'abreca! queres tu trocar commigo? — O que eu te invejo são os bellas petisqueiras, a riquissima pinga, com que te vae lambendo! — Aquillo sim, aquillo, lá por casa d'esse milionario do tal Richter, é que hade haver do bom e do fino! — hein?

—E saberás que, até agora, não adiantei um passo sequer; prosegui, sem attender á pergunta.

—Este meu pobre Hans! — e Leão poz-se a bater me palmadinhas na cabeça, como se faz aos pequenitos, para os consolar da recusa de qualquer brinquedo, o que, confesso, assaz irritou o meu amor proprio.

—Deixa lá! quem sabe se amanhã não serás mais feliz?... Mas, aqui para nós, hasde concordar que para mim é que a chalaça é pesadinha! Eu, que fui quem te desencantei esses banquetes de Luculo, cá vou, no fim de contas, arrastando a vida a pintar nymphas — e a contenter o apetite com o eterno chouriço e a magra salada de harenques! Um bello empadão de tráfias, um dia por outro, regadinho com meia duzia de boas garrafitas de *Monte-fiascone* ou de *Chateau la Rose*, era o que eu precisava para afinar a inspiração! — Fazes tu muito bem, meu rico amigo, em não apressares a tua pretensão; enquanto o pau vae e vem... lá te vae tu lambendo com essas homéricas comensinas!

—Mas por que não segues o meu exemplo? quem te pega?

—*Impossible, mon cher!* A que pretexto? — Como artista laborioso? na qualidade de futuro pintor celebre?

Não me atrevi a responder, sentia que Wolkow não deixava de ter razão, que importava áquella gente, áquella sociedade em que eu me deixára envolver nem a fecundidade do talento, nem a crença ardente, ou os ideaes da moidade?

No entanto, eu estava firmemente resolvido a precipitar os acontecimentos, e a formular, na proxima visita, o meu temivel pedido. Julgava ter adquirido sufficiente intimidade em casa da familia Richter, para me poder arriscar a investir com o assumpto.

Além de que, efferecera-se me já mais de um ensejo de prestar pequenos serviços ao papá Richter. E' certo, porém, que eu, ao pé da filha, sentia sempre um tal cu qual acanhamento; a sua belleza encantava-me, não ha duvida, mas no seu todo, havia um não sei quê, que me affastava.

Atormentava-me o ardente desejo de acabar, por uma vez, com a ociosidade e a indecisão em que eu ia consumindo o tempo, e de encetar definitivamente a minha grande obra; e portanto, na noite immediata, quando transpuz a porta da sala dos Richters, ta com o coração aos pulos.

Depois da ceia, dansava-se um *cotillon*, e convidei para meu par a filha do banqueiro. Quiz-me parecer que já esperava o meu convite, tão prompto foi em o aceitar.

—Queira desculpar-me, minha senhora, mas creio dever, desde já, prevenil-a que danço pesadamente, — adduzi, com modo acanhado.

—Ora — Isso é modestia da sua parte. Estou ao seu dispor — vamos lá — respondeu.

—Magnifico, disse eu commigo, fazem 'o-lhe profunda mesura — d'esta vez é certo, não me escapa. Animo, barão Hans, grandissimo piegas; lembra-te que d'este lance está pendente o teu futuro de artista!

N'este comenos, entoaram as rebeças os primeiros compassos de valsa do endiabrado *cotillon*. Numerosos pares iam já occupando os respectivos logares.

—Minha senhora... tartamudeei, e tremia como um vime.

—Senhor barão?

—O cavalheiro permite de certo, que eu lhe roube a sua dama, para um giro de valsa?

E n'um abrir e fechar d'olhos vejo um bonifrate de um alferes, com desembaraço impertinente,

rodopiar, no turbilhão da valsa com a minha Maria Stuart.

...D'ali a dois minutos:

—Minha senhora, saiba que trago, ha tempos sobre o coração um enorme peso! — mas, até agora... não encontrei ensejo opportuno para lh'o dizer...

Maria Stuart, offegante, respirava a custo — era o cansaço da valsa?

Atravez do *tule* e das rendas do decote, pareceu-me que lhe via arfar o seio de modo desusado.

—Ah!... e mais não disse,—o seio porém, arfava mais e mais... Poz-se a brincar com o leque, sem levantar para mim os olhos.

—Minha senhora... vou pedir-lhe um favor... o maior dos favores! — Ousarei esperar da sua condescendencia?...

—«Dá licença que, por um instante apenas, convide o seu par para um giro de valsa?»

D'esta vez era um addido de legação, um espinafre com tres leguas de peitinho engomado, meio metro de colarinho e entalado na casaca — fazia lembrar um pardal!

...D'ali a outros dois minutos:

—Rogo-lhe, por tudo quanto ha, queira attender-me... e se digno dar-me uma resposta — enfiar, d'uma assentada. — Saiba que a sua resposta é para mim d'importancia transcendente!... D'ella depende todo o meu futuro d'artista!

—«Faz-me a honra de dansar commigo alguns compassos da valsa?»

D'esta vez, porém, os nossos olhares encontraram-se, e ella, sem se mover do seu lugar, escutou...

Por Deus lhe peço... dê-me ao menos algum vislumbre de esperanza!... — balbuciei.

—Erguera-se e apoiara o niveo braço escultural sobre a manga preta do seu par adventicio. N'um abrir e fechar d'olhos senti-me envolvido como em nuvem rosada de gaze. Inclinou-se para mim e, em tom breve, rapido, murmurou-me ao ouvido:

—Fale ao papá — eu... eu... estou de accordo...

E ella ahí vae! E a mim, pareceu-me que via andar á roda em confuso turbilhão, a sala, os pares, as luzes, os musicos... que sei eu!

—Hans! grande maricas! — pedaço de lanzudo, fizeste-a bonita não tem duvida!

No dia seguinte, quando mal me precatava — appareci noivo!...

Ora livrem-se lá d'uma d'estas!

Os paes da donzella traziam-me nas palminhas; a parentela toda desfazia-se em attenções e obsequios... era caso para perder a cabeça! — Como me zinia aos ouvidos dito memoravel do tio!

—«O pintor de talento não deve ter tres coisas: — apelido nobre, dinheiro e mulher.» — E cá estava eu a caminho de tropeçar na ultima das tres! Quantas e quantas vezes, não puz no pensamento que, dentro em dez ou doze annos, me era preciso ir tratando de procurar uma doce companheira; qualquer donzella de meigos olhos azues celestes; boa, modesta quanto innocente, embora de condição humilde, que d'isso a mim pouco se me dava, contanto que a Providencia me deparasse escolha acertada. O que eu queria era que fosse fiel, carinhosa, dedicada e... pobre, a fim de poder depor a seus pés, conjunctamente com o meu amor, a ventura e a riqueza.

Co'a breca! Ninguém pagou, jámais, tão caro um modelo!

A raiva, o desespero, apoderaram-se de mim. Vendera a minha felicidade, é certo, mas ao menos queria levar a minha ávante! Queria pintar um quadro, que absolutamente excedesse tudo quanto até ali produzira, onde deixasse estampados a dôr, a afflicção que me opprimiam a alma! Nunca me pareceram tão fortes o amor, a paixão que eu dedicava á minha arte! Essa sim, essa é que era a minha amada, e eu... um reverendissimo toleirão!

Escrevi meia duzia de linhas ao senhor meu tio a dar-lhe parte do que havia, e o theor da resposta foi tal qual era de esperar, da sua parte.

(Continúa)

Pin-Sel (trad.)



Receqemos e agradecemos:

Diccionario Illustrado, por Francisco de Almeida, illustrações de F. Pastor.

E' um bello trabalho, com quanto reduzido, que o prestimoso editor se abalançou a dar a lume.

Digno da protecção do publico, recommenda-m'o-o aos nossos leitores como um livro evidentemente util e ao alcance de todos, pela facilidade e modicidade da sua assignatura.

**Revista Colonial**, publicação bimensal dirigida por Carlos Lisboa.

Temos recebido com toda a regularidade os numeros publicados, os quaes inserem gravuras de oportuna occasião e artigos importantes.

Dedicada ao ultramar, a presente revista, offerece notavel interesse pela sua informação segura e pelas descrições illustradas que vem publicando de algumas das possessões portuguezas.

**Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa**, 1.ª Serie, N.º 2 e 3. Lisboa 1895.

Os fasciculos que noticiamos trazem varios trabalhos de notaveis homens de sciencia, como Alberto Alexandre Girard e Mattoso Santos, conde de Avila, e apresentando um superior interesse a grammatica landina de Alberto Carlos Paiva Raposo.

**Anotações ao capitulo sobre Setubal no Portugal antigo e moderno**. Setubal 1895.

N'um folheto assim intitulado reuniu o erudito setubalense sr. Manoel Maria Portella, varias rectificações aos lapsos existentes na obra de Pinho Leal, na parte que se refere á formosa rainha do Sado.

Não é este o primeiro trabalho do sr. Portella, só vem, portanto, justificar mais uma vez o seu estudo e amor ao torrão que o viu nascer e de que elle se tem tornado um filho illustre.

**Catalogo da exposição concelhia e industrial agricola de Thomar**.

Este catalogo foi organizado por occasião do centenario de Gualdim Paes quando a cidade nabantina realisou a exposição das suas industrias.

E' elaborado pelo sr. J. Vieira da S. Guimarães, e apresenta notavel curiosidade e elementos importantes para a historia da nossa industria.

**Bibliotheca Internacional**, director Eugenio de Castro. *Poesias de João de Deus*. Coimbra, Augusto de Oliveira Editor, Livraria Moderna 1896.

E' em elegantes voluminhos que o prestimoso editor se propõe dar-nos conta de trechos ou obras completas das mais primorosas da litteratura universal.

O primeiro começando por João de Deus, o poeta portuguez, o lyrico universal do amor, conjuga perfeitamente os dois encantos de bello e de ser portuguez.

Longa vida á selecta bibliotheca.

**Sê poupado por Samuel Smiles** traducção de Alberto Telles. Lisboa 1895.

A presente obra inspirada ao seu auctor por um sentimento profundamente altruista destina-se a dar á classe popular das sociedades as noções economicas de que pode derivar todo o bem estar d'ella.

Traduzida em portuguez pela penna elegante do nosso illustre amigo e collaborador dr. Alberto Telles, é a presente edição destinada pelo benemerito sr. Julio de Andrade: «a ser distribuida, em numero de dois mil exemplares, para leitura da mocidade.»

Attendendo ao fim a que viza o presente trabalho, parece-nos ser um pouco longo; devia ser mais insinuante e breve. Todavia a intenção que lhe preside torna-o mil vezes bem vindo.

**Grandes Armazens Grandella & C.ª Lisboa**.

O catalogo illustrado que nos foi offerecido mostra a importancia da grande casa commercial e a variedade dos objectos á venda, os seus preços, etc. Todas essas indicações são muito interessantes e uteis a quem tiver necessidade de comprar qualquer dos artigos alli á venda.

**Mysterios do Destino**, romance original por A. Salazar d'Eça Jordão. Lisboa; typographia Lucas, 1895.

A despretençiosa novella que novamente vê a luz da publicidade, foi escripta ha mais de vinte e

cinco annos, e todavia nada tem que possa envergonhar o seu auctor. Escripta e bafejada pela crença immaculada da juventude, é hoje um deliado romance de leitura agradável, amena, sem os attrictos que sempre mancham as obras romanticas tornando-as tão execráveis do seio das familias honestas, onde abunda o elemento femenino e juvenil.

Noticiando a publicação em volume do despretençioso romance, apraz-nos dizer que é uma aquisição valiosa para a bibliographia-romantica nacional.

**Relatorio e contas da associação auxiliar da missão ultramarina**. Lisboa 1895.

Este relatorio pertence á gerencia do 1.º semestre de 1893-94 e anno de 94-95. Por elle se vêem noticias da sympathica instituição, a cuja direcção presidem as nossas mais distinctas demas.

Os serviços prestados pela referida associação são importantissimos e é justissima a estima e respeito que tem merecido.

## THEATRO D. AMELIA



A ACTRIZ MARIA GONZALEZ

**Jornal das Senhoras**, semanario illustrado collaborado por damas. Directora Irène d'Oliveira. N.º 1 — 16 de janeiro 1896 — 1.º anno.

Destinado ao publico femenino e collaborado simplesmente por senhoras, o novo jornal é digno de ser lido por todos. As gentis escriptoras cujas producções esmaltam a nova publicação teem nomes já laureados e tornam-se credoras de todo o applauso por esta sua iniciativa.

Desejamos á delicada revista uma longa vida.

**Relatorio da administração da Real Casa Pia de Lisboa**. Imprensa Nacional, 1895.

O presente relatorio é respectivo ao anno economico de 1891-1892 e foi apresentado a S. Ex.ª o sr. ministro do reino pelo digno provedor sr. Francisco Simões Margiochi.

Admiravelmente bem elaborado, dá o relatorio, em questão, uma perfeita idéa do estado da utilissima instituição de caridade d'onde tantos homens uteis ao paiz, tem sahido.

E' por todos os motivos, o presente relatorio, um bello documento cuja offerta muito agradecemos.

**Carta Constitucional da monarchia portugueza e seus actos additionaes**.

Esta edição, sahida dos prelos da Imprensa Nacional de Nova Gôa, em o corrente anno é prefaciada e annotada pelo erudito professor de Economia Politica e direito administrativo, no lyceu Nacional de Nova Gôa, o sr. J. A. Ismael Gracias.

Acompanha o exemplar que temos presente uma amavel dedicatória que muito agradecemos.

Este novo trabalho do sr. Gracias não desmerece em nada dos anteriores do mesmo illustre professor. N'elle se vê bem a erudição e os conhecimentos que possui acerca das contingencias politicas que tem soffrido a constituição portugueza.

O prefacio que acompanha a Carta, as notas copiosas que explicam, commentam e justificam são provas evidentes do saber do distincto professor e investigador acrisolado, que tão bem sabe comprehender o seu papel de homem de sciencia e de cidadão portuguez.

Essas duas brilhantes qualidades nos levam mais uma vez a incitar o infatigavel trabalhador, que tanto tem contribuido para o bem da sua patria. Mais uma vez lembramos aos nossos leitores que a este cavalheiro deve a India notaveis progressos no seu desenvolvimento intellectual.

A direcção da bibliotheca de Nova Gôa, do museu numismatico da mesma cidade tem entregue o sr. Ismael Gracias boa parte da sua actividade.

**Deus e Patria pelo Arcebispo d'Evora**, Lisboa. M. Gomes, editor. 1896.

Do digno editor recebemos um exemplar da brilhante allocução, cujo titulo escrevemos acima, e que foi proferida na sé cathedral d'Evora no dia 1.º de Dezembro de 1895 por occasião do solemne *Té-Deum* em acção de graças pela restauração da independencia nacional e pelas victorias recentes das armas portuguezas em Africa.

Como todos os discursos do illustre e eloquente prelado a presente oração é um verdadeiro primor.

**Minuta de appellação crime**. Appellantes dr. João Barral e José da Paz. Appellido o Ministerio publico. Lisboa, 1895

Assás conhecida da maioria dos nossos leitores esta questão, pelas noticias circunstanciadas que os publicaram; é-nos licito não repetir a descripção do caso.

Trata-se pois do recurso d'appellação que interpozeram os dois appellantes citados, como auctores do crime de desobediencia. As condições em que esse crime se deu vem agora, na brochura que noticiamos, narradas e explicadas de uma maneira deveras elucidativa. As estampas planificadas que acompanham a exposição são muito bem feitas e dão perfeita idéa da justiça que cabe aos appellantes.

**NOVAS DO OUTRO MUNDO**

CARTA DE JOÃO DE DEUS

AOS ESTUDANTES

POR

JOÃO DA CAMARA

**PREÇO 100 REIS**

Franco de porte

PEDIDOS Á EMPRESA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 39